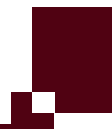


TRAJETÓRIAS TRANSMASCULINAS, A DESCOBERTA DE UMA IDENTIDADE E AS RELAÇÕES FAMILIARES

TRANSMASCULINES TRAJECTORIES, THE DISCOVERY OF AN IDENTITY AND FAMILY RELATIONSHIPS

Andressa Ribeiro¹

<http://orcid.org/0000-0002-2079-9329>



RESUMO

Este artigo trata da relação entre homens trans, e outras transmaculindades, e suas famílias no momento de revelação à família dessas identidades. O artigo tem fundamento em narrativas de vida de cinco interlocutores que viviam na cidade de Salvador, na Bahia, entre os anos de 2013 e 2018, entre 18 e 28 anos de idade, e é construído com base nos relatos de experiência de vida assim como em entrevistas em profundidade. Em determinado momento de suas vidas, eles assumem uma identidade transmasculina e, diante disso, negociam com suas famílias essa nova identidade de gênero. Menos do que reagir a uma revelação problemática, as narrativas mostram que o grupo familiar se engaja em um novo tipo de agenciamento das relações; ora no sentido de atuar para a reinscrição sexuada do sujeito no grupo familiar a partir do reconhecimento de seu novo gênero de identificação, ora reafirmando o gênero assignado no nascimento. Este artigo procura refletir sobre trajetórias de vida de homens trans, e outras transmasculindades, e suas relações com o grupo familiar.

Palavras-chave: transmasculindades; gênero; identidade; relações familiares; narrativas.

ABSTRACT

This article deals with the relationship between trans men, and other transmaculindities, and their families at the moment of revealing these identities to the family. The article is based on the life narratives of five interlocutors who lived in the city of Salvador - Ba, between

¹ Doutora e mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Atualmente é professora Adjunta da UNILAB. Autora do livro *Da Av. Cerqueira Lima ao Beco dos Artistas: um espaço de sociabilidade GLS*. Agências de fomento da pesquisa: Capes, Fapesb, UNILAB. E-mail: andressa.antropologia@gmail.com

2013 and 2018, between 18 and 28 years of age, and is built based on life experience reports as well as in depth interviews. At a certain point in their lives, they assume a transmasculine identity and, in view of this, negotiate this new gender identity with their families. Less than reacting to a problematic revelation, the narratives show that the family group engages in a new type of agency of relationships; sometimes acting toward a sexual re-inscription in the family group from the recognition of their new gender identification, sometimes reaffirming the gender assigned at birth. This article seeks to reflect on the life trajectories of trans men, and other transmasculinities, and their relationships with the family group.

Keywords: Transmasculinities. Gender. Identity. Family relationships. Narratives

INTRODUÇÃO

A título de introdução, este artigo foi construído por meio de narrativas de vida de homens trans e outras transmasculinidades² e é fruto de uma pesquisa que ocorreu entre os anos de 2013 e 2018, realizada com doze homens trans, entre 18 e 28 anos de idade, na cidade de Salvador, capital do estado da Bahia. A pesquisa se desenvolveu pelo encontro constante com esses interlocutores – de modo que foi possível acompanhar parte de suas trajetórias de vida e os conhecer em seus cotidianos –, assim como pela realização de entrevistas abertas e em profundidade que tinham como foco a experiência transmasculina.

A análise de narrativa, como recurso metodológico, é central nesta pesquisa e aparece não no sentido clássico da narratologia – ou seja, como um texto que tem início, meio e fim, com nó e desenlace, e no qual há uma intriga que leva ao desenvolvimento da história; mas no sentido que Walter Benjamin (1994) atribui no texto “O narrador”, quando diz que “narrativa” é tudo aquilo que descreve uma experiência. “O narrador retira da experiência o que ele conta: sua própria experiência ou a relatada pelos outros” (Benjamin, 1994, p. 5). Toda narrativa é um ato de contar uma experiência. Falar no uso metodológico da análise de narrativas, neste artigo, é atentar, portanto, para a relação íntima que as falas dos interlocutores guardam com o ato de contar suas experiências de vida.

Além disso, a análise de narrativa mantém uma relação íntima com a interpretação. Proveniente do paradigma hermenêutico, tal análise não pretende alcançar a verdade dos fatos, ela não parte da perspectiva de que os fatos guardam em si uma verdade. Para esse paradigma, a verdade é apenas uma versão dos fatos, erigida de determinado ponto de vista. Nesse sentido, “nossas interpretações analíticas são parciais, verdades alternativas que apontam para uma credibilidade, não uma certeza; para um alargamento do

² Homens trans são pessoas que foram assignadas mulheres no momento do nascimento, mas, que, no decorrer da vida, identificam-se como homens, podendo realizar, parcial ou integralmente, as mudanças em termos corporais, comportamentais e documentais necessárias ao reconhecimento da sua identidade. Um dos interlocutores desta pesquisa, entretanto, oscila entre afirmar e não afirmar uma identidade de homem trans. Em geral, nas entrevistas, ele questiona a identidade de homem trans e pede, apenas, para se referir a ele no masculino e para que ele seja reconhecido como homem. Daí a utilização do termo “outras transmasculinidades”.

entendimento, mais do que um controle sobre os fatos³” (Riessman, 1993, p. 64, tradução nossa). Assim, toda a construção deste texto está em consonância com a dimensão interpretativa que funda a análise de narrativa e, nesse sentido, pretende-se menos chegar à verdade dos fatos do que alargar os horizontes interpretativos dessas experiências.

Neste artigo, especificamente, são utilizadas apenas as narrativas de cinco interlocutores⁴ que versam sobre o momento de descoberta de uma identidade masculina e o impacto dessa descoberta nas relações familiares. Pensar o papel da instituição familiar no contexto da assunção de identidades transmasculinas é o foco central deste artigo. Os laços de filiação são fundamentais para uma (re)inscrição, em termos de gênero, ser bem ou malsucedida, ser mais ou menos violenta com os sujeitos que a demandam.

É no seio da família que ocorre, primariamente, uma inscrição sexuada do corpo (Rubin, 1993). Essa inscrição sexuada tende a marcar, originariamente, a noção de pessoa que se desenvolve no grupo familiar. Como, então, distintos grupos familiares participam e se engajam na (re)instauração de uma nova identidade de gênero quando esta é demandada por um dos integrantes do seu grupo? Quais as consequências do modo de engajamento do grupo familiar para a conformação dessa nova identidade de gênero? É sobre essas questões que o presente artigo procurará refletir e problematizar.

O CONTEXTO FAMILIAR EM EXPERIÊNCIAS TRANSMASCULINAS

Boa parte dos interlocutores desta pesquisa, após assumir a identidade de homens trans, teve como primeira atitude informar primeiro à mãe e, depois, aos seus familiares a sua descoberta. Alguns, no entanto, quando percebiam que não existia uma abertura para essa revelação no seio familiar, iniciavam o projeto de transição sem necessariamente ter uma conversa com seus familiares com o intuito de revelar-lhes sua situação.

Na literatura nacional, pouca informação há sobre o lugar da família, em experiências transmasculinas, na constituição dessa nova persona a partir de uma nova inscrição no gênero via modificação corporal. Segundo Laurence Hérault (2011), a literatura internacional sempre trata a família como uma instância que simplesmente reage ao projeto de transexualização. “A pessoa transexual faz seu ‘coming out’ e os outros reagem a essa revelação, o que leva, deste modo, o mais frequentemente, a lhes distinguir segundo sua capacidade de aceitação e de tolerância” (tradução nossa)⁵ (Hérault, 2011, p. 27).

Hérault (2011) chega a citar Emerson e Rosenfeld (1996) que descrevem um processo de ajustamento familiar, o qual compreende etapas: a negação, a raiva, a negociação, a depressão e, por fim, a aceitação. Ela também cita Lev (2004), quando ele postula quatro

³ Our analytic interpretations are partial, alternative truths that point to credibility, not certainty; for a broadening of understanding, more than a control over the facts (Riessman, 1993, p. 64).

⁴ Neste artigo, opta-se por utilizar nomes fictícios assim como por manter o uso de prenomes masculinos. Tal escolha justifica-se pelo respeito à identidade de apresentação dos interlocutores desta pesquisa e pela preservação do anonimato.

⁵ La personne transsexuelle fait son « coming out » et les autres réagissent à cette révélation, ce qui amène d’ailleurs le plus souvent à les distinguer selon leur capacité d’acceptation et de tolérance (Hérault, 2011, p. 27).

etapas no que diz respeito à relação com a família: aquela da descoberta-revelação, aquela da desestabilização, a da negociação e, por fim, aquela da descoberta de um equilíbrio. Para ela, por mais que esses estudos tenham a importância de tentar alcançar a complexidade da experiência do sujeito que vive a transexualidade junto a seus próximos, aspecto este tão negligenciado na literatura, essa perspectiva ainda percebe a participação da família apenas como uma reação ao projeto de transexualização que se traduz na diáde tolerância/intolerância.

O que propõe Héroult (2011) é não pensar a família apenas como um receptáculo dessa informação, mas, sim, como uma instância que participa, afeta e é afetada pela experiência.

Os laços de filiação são, nós sabemos, os laços que nos oferecem, por excelência, existência e conteúdo. Desde nossa vinda ao mundo e, frequentemente, ao longo da nossa vida, eles nos inscrevem dentro dos grupos e das redes sociais suscetíveis de nos oferecer um lugar e uma história pessoal, quer dizer, capazes de nos fazer estar no mundo. No mais, nossa inscrição sexuada se define, ganha sentido, se aprende e se manifesta também dentro do quadro da parentela. Nós não somos jamais só pais, mas pai ou mãe, nós não somos jamais só crianças, mas filhos ou filhas, nós não somos jamais somente irmãos, mas irmão ou irmã. De outra maneira, os laços de filiação nos fazem ser sexuados e se compreende, então, que a transexualidade de uma pessoa e seu eventual projeto de transição pode ser utilmente pensado dentro desse contexto (tradução nossa)⁶ (Héroult, 2011, p. 34).

Nesse sentido, a família é responsável por fazer o indivíduo existir de maneira sexuada no mundo. Se, no momento do nascimento, o trabalho dos pais é fundar o sexo da criança para colocá-la no mundo, no projeto de transição, a família também está mais ou menos engajada nessa refundação sexuada de um de seus membros (Foucault, 2007). Esse engajamento pode se dar tanto no sentido de contribuir para a transição quanto no sentido de retardá-la e mesmo impedi-la. Para Ariel, um dos interlocutores, cujo pai é extremamente distante e que perdeu a mãe, a morte desta foi um marco para seu reposicionamento gendrado no mundo, a postura conservadora da família – do tio, da avó – assim como a falta de apoio e proximidade interferiram tanto no ritmo quanto no teor das suas escolhas no que diz respeito às modificações corporais⁷.

Para muitos pais, o projeto de transição pode significar o risco do desaparecimento de seu filho ou sua filha. Diante desse risco, alguns reiteram o sexo assignado no momento do nascimento do seu filho ou da sua filha e outros se empenham de perto na sua nova reinscrição sexuada no mundo. “Porque em outros tempos, eles fizeram o

⁶ Les liens de filiation sont, on le sait, des liens qui nous offrent, par excellence, existence et contenance. Dès notre venue au monde et souvent tout au long de notre vie, ils nous inscrivent dans des groupes et des réseaux sociaux susceptibles de nous offrir une place et une histoire personnelles c'est-à-dire capables de nous faire être au monde. En outre, notre inscription sexuada se définit, prend sens, s'apprend et se manifeste aussi dans le cadre de la parenté. On n'est jamais seulement parent mais père ou mère, on n'est jamais seulement enfant mais fils ou fille, on n'est jamais seulement germain mais frère ou sœur. Autrement dit, les liens de filiation nous font être sexués et on comprend alors que la transsexualité d'une personne et son éventuel projet de transition peuvent être utilement pensés dans ce cadre (Héroult, 2011, p. 34).

⁷ Ariel assume seu novo nome e sua nova identidade depois da morte da sua mãe. Após a morte dela, ele se sentiu mais livre para assumir quem ele realmente era, porque, segundo ele, a única pessoa a quem ele devia satisfação já havia partido. Já a sua avó e seu tio sempre questionaram o comportamento de Ariel, o que impactou suas decisões relativas à transição.

corpo de sua criança, sua presença parece ser novamente requerida”⁸ (Hérault, 2011, p. 41, tradução nossa). É por isso que algumas mães fazem questão de acompanhar seu filho ou sua filha no momento da realização das cirurgias. É o caso, por exemplo, da mãe de Lucas, um dos interlocutores desta pesquisa, cuja mãe não só o ajudou no processo de hormonização como também o acompanhou aos Estados Unidos para a realização da mamoplastia masculinizadora.

Em outras situações, quando o pai ou a mãe reitera o sexo assignado no nascimento, por concebê-lo como a única possibilidade viável de seu(ua) filho(a) estar no mundo, o elo pode ser rompido e, nesse caso, com essa ruptura de contato, o risco de perda do(a) filho(a) pode realmente se concretizar. A impossibilidade de resignificação dos laços pode implicar o desaparecimento do elo familiar. É o caso de Jorge que, diante de todas as violências sofridas por parte da sua mãe e pela sua insistência em tratá-lo sempre no feminino, praticamente parou de se comunicar com ela⁹. A ponto de, quando eles se falam ao telefone, ela frequentemente dizer que parece não ter mais filha.

No caso de Jorge, no entanto, à medida que as modificações corporais foram aparecendo, a partir da ingestão de testosterona, a barba, a ausência de curvas, sua mãe passa a ter dificuldade em tratá-lo no feminino. Ao telefone, no momento em que sua voz ganhou outra tonalidade, ela passou a trocar os pronomes, ora se referindo a ele no masculino, ora no feminino. Nesse sentido, o corpo a compeliu a se referir a ele de outra maneira. A expressão corpórea atuou sobre a sua percepção de tal maneira que, mesmo sem ela querer, os laços e as posições nessa relação já estavam sendo resignificados. Apesar disso, toda a violência sofrida por Jorge, ao longo da sua vida, mesmo no período de realização das entrevistas, faz com que esse laço seja extremamente frágil, em constante eminência de rompimento.

Tudo isso faz com que contar à família sobre a transmasculinidade seja sempre um momento que envolve certo grau de tensão. Como bem coloca François Singly (2007), a família compõe redes de sociabilidade e afeto, por onde se tece a dimensão relacional presente no processo constitutivo da identidade pessoal dos indivíduos. Nesse sentido, em geral, os interlocutores comunicam primeiro ao núcleo familiar e, em seguida, ao restante da parentela.

Alguns demoram meses e até anos para contar à família sobre sua descoberta-identificação. Contar ou não contar para a família e o tempo que isso demora depende de uma série de fatores, por exemplo: a proximidade que se tem com a família; se a família é mais ou menos conservadora; e o grau de vulnerabilidade econômica e emocional em que o sujeito se encontra. Com o intuito de tratar de maneira mais minuciosa essa relação entre a pessoa que vive a experiência transmasculina e seus familiares, esta análise deter-se-á em uma parte da trajetória de Paulo, um dos interlocutores que concedeu mais acesso às informações sobre essa relação.

⁸ Parce qu'en d'autres temps ils ont fait le corps de leur enfant, leur présence semble de nouveau requise (Hérault, 2011, p. 41).

⁹ Jorge afirma que, desde pequeno, sua mãe nunca aceitou seu comportamento, conferindo-lhe maus tratos, desde xingamentos e ameaças até a agressão física. No decorrer da sua vida, sempre tentou obrigá-lo a usar roupas e a se comportar de maneira mais feminina. Em determinado momento, chegou, inclusive, a ameaçá-lo de morte.

A TRAJETÓRIA DE PAULO E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA

Após se definir como homem trans, a primeira pessoa a quem Paulo conta sobre sua descoberta-identificação é a sua mãe. Ele liga para seu escritório e diz que gostaria de conversar com ela após o trabalho. Ela fica tão ansiosa para saber o que é que ela pede para ele ir até seu local de trabalho para conversarem o quanto antes. Então, Paulo vai até lá e lhe diz: “Mãe, eu sou transexual”. Ela não sabia o que era um transexual e entende que ele é bissexual. Paulo explica a ela, ela para, reflete e diz que o entende e que o apoiará. Mas Paulo replica: talvez eu tenha de tomar hormônios e fazer cirurgias. Então, ela diz que se essa é a sua vontade que ele terá seu apoio.

A segunda pessoa a quem Paulo contou foi seu irmão. Ele lhe ligou e falou que queria conversar pessoalmente, mas seu irmão insistiu tanto que ele acabou lhe contando por telefone. Seu irmão recebeu a notícia de forma tranquila, disse que tinha amigos de todos os tipos e que não se incomodava. Quando Paulo falou da questão do hormônio, seu irmão disse para ele ter cuidado, mas ainda assim o apoiou. O pai de Paulo foi o último a saber. Um dia, Paulo disse que precisava conversar com ele, por isso o chamou no quarto e falou:

Pai, eu estou fazendo tratamento psicológico e a gente está chegando à possibilidade de que eu sou transgênero e eu vou me assumir como tal. Aí ele ficou no canto dele, ficou em silêncio, a gente ficou em silêncio. Eu olhei para cara dele e saí do quarto. Não tinha mais o que fazer, se ele quisesse perguntar qualquer coisa, ele teria perguntado (Paulo, 2014).

Embora a mãe e o irmão de Paulo tenham dito que, em um primeiro momento, iriam apoiá-lo, eles continuaram tratando Paulo pelo nome e prenome feminino dentro e fora do espaço doméstico e, quando Paulo os questionava, ambos se mostravam resistentes em tratá-lo no masculino e, portanto, em trabalhar em conjunto para a reinstauração sexual de Paulo dentro e fora do seio familiar. Nesse contexto de tensão, em determinado dia, seu irmão lhe manda uma mensagem lhe desejando feliz dia das mulheres e esse foi o estopim para uma grande e calorosa discussão entre eles:

Quando meu irmão me mandou essa mensagem, eu fiquei puto com a cara dele, eu o mandei tomar no cu e, então, ele disse que não me via como homem, ele achava que isso era uma fuga por conta de todo o bullying que eu sofri na infância e bláblábláblá... Eu perguntei pra minha mãe, se minha mãe tinha contado para ele que eu fui ao psiquiatra e que ele já tinha me dado o laudo dizendo que eu era transexual. Ela disse que não. Eu disse: “pois, então, eu sou”. Aí, a gente brigou, ele saiu de casa e eu fiquei mal. Minha mãe ligou para ele dizendo que eu estava chorando. Aí, eu acho que ela viu que eu estava sofrendo muito; a partir daí, ela começou a usar o masculino, mas, assim, se corrigindo sempre (Paulo, 2014).

A família foi o primeiro lócus de conflito e enfrentamento pelo qual Paulo teve de passar. A partir dessa situação vivenciada entre mãe e irmãos, tanto sua mãe quanto seu irmão passaram a chamá-lo de Paulo e a utilizar o pronome masculino. É nesse momento

de conflito que todos, em conjunto, tomam uma real consciência do sofrimento que o não reconhecimento da identificação de Paulo em termos de gênero poderia lhe trazer. É com base nessa cena de conflito e da percepção do sofrimento que aqueles membros da família se engajam na construção de uma nova persona e na legitimação de uma nova posição que será ocupada por Paulo no espaço familiar.

O pai de Paulo, no entanto, mantém-se resistente a tratá-lo no masculino. Paulo conta que vive uma espécie de acordo silencioso com o pai – o pai não toca no assunto e ele também não. O pai de Paulo não interfere nas suas escolhas nem impede que seus amigos, irmão e mãe o tratem no masculino dentro do ambiente doméstico. Em troca, Paulo não exige que ele utilize o nome e pronome masculino. Paulo diz: “ele não mexe comigo e eu não mexo com ele”. Paulo também organiza seu dia de modo a conviver o mínimo possível com o pai. Ele procura sempre estar em casa quando o pai não está e não estar em casa quando o pai está.

Além do pai, da mãe e do irmão, Paulo também divide o ambiente doméstico com sua avó. Ela tem 80 anos e possui Alzheimer. Tanto pela idade quanto pela doença, Paulo prefere preservá-la e não exige, inicialmente, que ela o trate no masculino. Ele diz que seria muito difícil explicar para uma senhora de 80 anos que sua neta virou neto. Sobre sua avó, ele diz:

Ela fica revoltada quando me chamam no masculino e tudo mais e quando eu fico brincando com ela pedindo pra ela me chamar no masculino, ela não gosta, mas... Ela me chama no feminino. Ela fala que não gosta, que isso é maluquice, que eu não bato bem da minha cabeça. Mas tipo, ela foi criada na década de 1940, 50. Até hoje ela acha que o sonho da vida de uma mulher é casar e ter filho, quanto mais o resto. Mas, minha avó não me incomoda, porque eu sei que não teria mais capacidade para ela absorver essas coisas (Paulo, 2014).

Embora Paulo tenha dito que não se incomodava com a postura da sua avó, com o passar do tempo, mais adiante, ele diz que o comportamento da sua avó estava se tornando insuportável para ele. Inicialmente, sua mãe passa a tratá-lo no masculino apenas no ambiente privado; dentro de casa, mesmo quando ela errava o pronome e o nome, ela mesma se autocorrigia e, se ela não o fizesse, Paulo a corrigia. No entanto, ela continuou tratando-o no feminino em ambiente público. Até que Paulo a alerta de que, caso ela não o chame no masculino, ele vai corrigi-la na frente das pessoas e isso vai criar uma situação constrangedora.

Havia uma família muito próxima da sua mãe que Paulo sempre ia visitar com ela. Até que ele deixa de visitar, porque, as últimas vezes que eles foram juntos, ela o chamava no feminino. Ele passa um tempo sem ir lá e, um dia, um dos membros dessa família o adiciona no Facebook. Ele fica sem saber como ele havia descoberto seu perfil de Paulo e, só então, ele se dá conta de que sua mãe havia contado para aquela família sobre a sua atual identidade. Ele ficou muito feliz com isso, porque, para ele, isso demonstrava que, aos poucos, sua mãe começava a aceitar mais sua nova identidade. A partir daí, ela passou a chamá-lo de Paulo mesmo em público.

A relação com a família se transforma e se modifica na medida em que o processo de transição avança. Cada nova etapa é permeada de medo e restauração da confiança, de resistência e de novos engajamentos. Quando Paulo decide tomar hormônio, sua mãe resiste à ideia. Um dos seus medos era dos problemas que poderiam surgir caso as mudanças corporais se dessem antes das mudanças dos documentos, no momento, por exemplo, de procurar um emprego ou prestar uma seleção para concurso. O segundo medo é o do arrependimento da mudança definitiva do corpo, da impossibilidade de reverter tal escolha. Sua mãe sempre dizia: “se você se arrepender, como você vai voltar atrás?”.

O medo de a pessoa que vive a experiência trans se arrepender é comumente presente nas pessoas que estão ao seu redor e mesmo no saber médico. Muitas vezes, é sob a justificativa da possibilidade de arrependimento que o saber médico legitima seu controle sobre os corpos trans e sobre o acesso às tecnologias de mudança corporal. É preciso averiguar, inspecionar, questionar, testar para ter certeza de que aquela pessoa não vai se arrepender das mudanças causadas no seu corpo. Sobre isso, Bia Bagagli (2016), mulher trans, diz não lutar só pelo direito à escolha, mas também pelo direito ao arrependimento. Para ela, a escolha não vem separada da possibilidade de arrependimento e isso é constitutivo da vida; “não é possível abolir a possibilidade de se arrepender diante das escolhas existenciais” (Bagagli, 2016). Diante do questionamento da sua mãe no que diz respeito ao arrependimento, Paulo diz:

Eu tenho convicção. Sei lá, eu passei muito tempo da minha vida querendo ser a filha perfeita de meus pais, a filha querida, eu cursei um curso que eu odiava. Me formei num curso que eu odiava, para eles muito mais do que pra mim, entendeu? Então, eu tenho percebido que eu tenho feito isso, tudo o que eles querem que eu faça. Sou advogado hoje, mas não quero trabalhar com a profissão. Então, não adiantou merda nenhuma. Então, melhor seria ter me formado em Design e estar trabalhando. E eu tenho percebido que eu atendi às vontades que eles querem que eu tenha e no fundo eu me fodo, eu acabo me fodendo (Paulo, 2014).

Nesse caso, Paulo ensaia uma reflexão sobre a sua autonomia, sobre a diferença entre o seu desejo e o desejo dos seus pais, e já coloca a possibilidade mesmo de quebrar expectativas. O que está em jogo quanto à sua vivência trans é mesmo sua felicidade, é a possibilidade de encontrar uma maneira de existir confortavelmente no mundo. É com base nessa intuição que Paulo afirma sua convicção. Nesse mesmo contexto da entrevista, quando ele reflete sobre a questão da autonomia, da convicção, da sua trajetória, da relação com a família e da sua vivência trans, ele narra um episódio como metáfora que, de alguma maneira, lança luz sobre essas questões.

Ele conta que um dia, no auge da sua depressão, no período em que seu sentido de si estava fragilizado, ele decide tomar uma atitude a despeito da vontade dos seus pais. Desde muito tempo, ele tinha vontade de ter um cachorro, mas seus pais sempre se opuseram porque eles moravam em apartamento e achavam que Paulo não tinha responsabilidade para cuidar e, portanto, as tarefas iam acabar sobrando para eles. Um dia, seus pais fazem uma viagem internacional e ele decide comprar um cachorro, ele queria comprar um

pastor alemão, porque é um cachorro de defesa, de raça, mas como ele não tinha muito dinheiro, comprou um vira-lata. Quando seus pais retornam de viagem, sua mãe não tem coragem de se desfazer do cachorro, porque Paulo já havia criado um vínculo com ele. O cachorro fica e, hoje em dia, o cachorro é o “bebê da vovó”, quer dizer, estabeleceu-se um vínculo afetivo entre sua mãe e o cachorro que, inicialmente, ela não queria. Paulo diz:

Até o ponto em que ela disse que viaja e sente mais falta do cachorro do que de mim [risos]. Entendeu? E outra coisa, eu queria que meu primeiro cachorro fosse Pastor Alemão, queria que ele fosse um alemão branco, sabe? Tinha planejado que ele fosse adestrado, assim meio para proteção e tudo mais, e eu tenho um vira-lata, que é medroso para caralho, que come muito e que eu amo, que é totalmente diferente do cão que eu queria ter, e eu amo ele muito mais, eu acho, do que se eu tivesse o cão que eu queria ter. Então, *eu percebi que meus palpites, para mim, ainda que sejam meio errados, assim, na visão deles, são o que me faz feliz, entendeu?* Então, toda vez que eles falam isso (que ele pode se arrepender quanto ao tratamento hormonal por ser irreversível – grifo nosso), eu lembro do meu cachorro; meu cachorro, provavelmente, não vai ser como eu estou esperando, mas eu vou estar feliz. É o que eu estou tentando, então, eu ignoro. É que nem concurso público: minha mãe queria que eu primeiro me estabilizasse em um qualquer para depois focar na diplomacia, só que não estava adiantando, eu não estudava, eu nunca ia passar em um concurso público assim, então, eu comecei a fazer o que eu quero. Eu acho que eu me ajudei nesse sentido, eu parei de fazer o que eles querem e passei a fazer o que eu quero (Paulo, 2014).

Esse episódio do cachorro que Paulo traz para a sua narrativa é extremamente elucidativo em vários sentidos. Quando ele toma essa decisão, no auge da sua depressão, ele se fortalece porque coloca em prática a sua vontade e se engaja em uma ação que é fruto do seu desejo. Esse processo fortalece o sentimento de que existe alguém ali que habita aquele corpo, existe uma alma, existe uma vida; é a luta contra a depressão, contra aquilo que o amortece. Se pensarmos a relação que a depressão tem com a vivência da transexualidade – com a percepção de que ele não queria existir como mulher, mas, ao mesmo tempo, com o medo de se afirmar como homem, quer dizer, com a ausência de uma identidade, ainda pautada pelo medo de afirmar seu desejo, compreenderemos como comprar um cachorro, ou afirmar seu desejo, em uma atitude à primeira vista banal, pode ter fortalecido um sentimento de si e engajado uma posição de coragem.

Além disso, Paulo chama a atenção para a mudança de opinião e de engajamento da sua mãe na medida em que o tempo passa e que ele coloca diante dela o seu desejo e sua decisão. Isso significa que, de alguma maneira, seus pais vão se virar, vão aprender a lidar com todas as mudanças, em termos de identidade ou de corpo, que implicarão a sua vivência trans. No início, sua mãe odiava o cachorro, depois ela passa a amá-lo; quer dizer, no início sua mãe pode resistir às mudanças, mas depois ela se acostumará e os vínculos de afeto serão reestabelecidos.

No início, Paulo não queria um vira-lata, ele queria um pastor alemão. Hoje, mesmo o seu cachorro não sendo o que ele esperava, ele o ama muito, talvez mais do que se ele fosse como ele esperava. Aqui, pode-se interpretar de duas maneiras. Primeiro, como se Paulo, na relação metafórica, fosse como o cachorro e seus pais pudessem amá-lo mesmo

ele não sendo o que seus pais esperavam que ele fosse, quer dizer, mesmo frustrando as expectativas de seus pais. A outra interpretação pode ser feita na seguinte linha de pensamento: o cachorro não era exatamente o que eu esperava, mas eu me acostumei com ele e eu estou feliz mesmo assim, quer dizer, as mudanças corporais podem não ser exatamente o que ele espera, mas ele irá se acostumar com elas e será feliz mesmo assim, porque ele seguiu a sua vontade. É isso que Paulo tem feito, aprendido a seguir a sua vontade, aprendendo a reconhecer o que ele realmente deseja e a acreditar nos seus desejos.

Paulo recupera a lembrança da expectativa dos seus pais também no que diz respeito à maneira como ele deve conduzir sua vida profissional. Ele diz que jamais iria passar em um concurso para analista, porque não é isso que ele quer. O que a vivência trans faz é colocar em jogo uma revisão da sua própria vida; apropriar-se de uma identidade de gênero que corresponde mais à maneira como ele quer se situar no mundo é se apropriar da sua própria existência em sentido mais amplo; é, enfim, adotar uma postura de autonomia diante do mundo que vai reverberar em outras esferas da sua vida que não só a identidade de gênero.

Por um longo período, Paulo afirmou que tinha o apoio financeiro dos seus pais, mas não o apoio emocional. Mesmo sua mãe não concordando completamente com o tratamento hormonal, ela passa a ajudá-lo financeiramente para que ele possa iniciar e, posteriormente, dar continuidade ao tratamento em São Paulo. Apesar do apoio financeiro, Paulo diz ser muito difícil seguir sem o apoio emocional da mãe e da família¹⁰. Nesse instante da entrevista, ele se emociona e diz estar sendo muito difícil esse momento e que preferiria o apoio emocional ao financeiro, porque quanto ao financeiro, dá-se um jeito, mas ao emocional não. Primeiro, só a mãe de Paulo soube que ele já havia iniciado o tratamento hormonal, depois, ele conta para seu irmão.

Seu pai, no entanto, não sabia que ele já havia começado a tomar hormônios, mas estava ciente de ele ter iniciado um acompanhamento terapêutico no ambulatório do hospital das clínicas em São Paulo e que o tratamento iria na direção de uma mudança corporal. Um dia, seu pai vai lhe buscar no aeroporto, quando ele retorna de uma sessão do grupo de terapia do ambulatório de São Paulo¹¹, e eles iniciam uma conversa. Paulo narra a conversa da seguinte maneira:

E aí foi uma conversa bizarra. Que ele disse que não achava certo, que ele não acreditava que eu era, que eu vou tomar hormônio, que eu vou me arrepender, que eu não sou uma pessoa certa e blábláblá [...]. Começou a falar um monte de coisas bizarras, bizarras. E aí começou a dizer que mesmo que eu vire homem, não tinha necessidade de eu querer tomar hormônio e tudo

¹⁰ Há certa ambivalência na postura da mãe. Embora ela financie seu tratamento, diz não estar completamente de acordo com a sua decisão. Paulo diz que ela ainda o tratava no feminino e que não havia abertura entre eles para conversar mais profundamente sobre o assunto, sobre as dificuldades emocionais e o sofrimento que configurava sua experiência naquele momento.

¹¹ Paulo viajava de Salvador para São Paulo para ter acesso ao processo transexualizador do SUS (Sistema Único de Saúde). Esse processo foi instituído no Brasil em 2008, quando o sistema público de saúde brasileiro passou a cobrir os custos ambulatoriais e cirúrgicos para a readequação em termos de gênero. Para isso, o saber médico oficial se pautou em uma perspectiva patológica da experiência transexual e, conseqüentemente, localizava os sujeitos que vivem esse trânsito entre os gêneros na categoria de transtornados ou doentes mentais (Para mais informações sobre esse tema, ver Aran; Murta; Lionço, 2009; Bento, 2006).

mais. E ele não sabe que eu comecei a tomar hormônio, minha mãe não contou e eu também não contei e eu me toquei disso ontem, mas de boa. Que ele não vê necessidade de eu ter voz, barba e pelos, se eu achava que ia me envolver com mulheres, eu disse que achava que sim, e ele disse: “você acha que alguma mulher heterossexual vai te querer?” e eu “por que não?”, e ele “ela vai querer uma mulher que se parece com um homem? Não. Ela vai querer um homem, que é o que eu sou”, e começou umas discussões assim [...]. E que ele é contra, que eu vou me arrepender e que eu vou me mutilar, e que quando chegar lá na frente eu vou ficar infeliz e não vai ter como reverter. Um monte de coisas. Aí, eu simplesmente liguei o [...] e deixei ele falando, falando. Depois não falou mais nada (Paulo, 2014).

Essa conversa demonstra mais uma situação de conflito e, eu diria mesmo, de violência em relação a Paulo. Elucida também o pensamento do pai de Paulo. Quando ele diz a Paulo que “uma mulher heterossexual não vai querer uma mulher que parece um homem, mas um homem como ele [o pai]”, há, nessa fala, um tom de disputa e de comparação. Na perspectiva do pai de Paulo, o filho nunca será um homem de verdade, mas, sempre uma mulher. Assim, ele não conseguirá satisfazer uma mulher heterossexual, porque mesmo que ele tenha barba e não tenha seios, ele não terá o pênis que é, na perspectiva do pai de Paulo, o que faz um homem ser homem de verdade e, por conseguinte, capaz de satisfazer uma mulher heterossexual.

Além disso, entra em jogo, nos termos utilizados pelo pai, a sua referência ao paradigma biológico, quer dizer, ele é um homem de verdade porque tem um corpo que sustenta esse lugar, mas seu filho jamais será um homem ou será um homem de mentira, uma mulher que parece um homem, pois o que conta não é a identificação do seu filho, mas a sua verdade corporal, eu diria mais, a sua verdade genital. Na perspectiva do pai de Paulo, é a genitália que deve determinar o destino de seu filho¹². O pai de Paulo permanece resistente à sua reivindicação de outro gênero até a finalização da pesquisa.

Sua mãe, no entanto, com o passar do tempo, passa a apoiá-lo no tratamento hormonal, assim como na sua decisão de estudar para diplomacia e não para outro concurso qualquer na área de direito. O vínculo afetivo, como Paulo acreditava, começa a ser reestabelecido. Atualmente, ela o chama pelo nome e prenome masculino mais naturalmente, já não comete mais erros, apresenta-o ao público como Paulo e apoia seu tratamento hormonal, assim como sua decisão em termos profissionais. Apesar disso, a mãe de Paulo ainda apresentou resistência no que diz respeito às cirurgias corporais, mas, no final das entrevistas, ele havia já realizado a mamoplastia masculinizadora com o apoio financeiro e emocional da sua mãe. Do mesmo modo, seu irmão passou a apoiá-lo emocionalmente, tratando-o no masculino, chamando-o para sair com seus amigos e o apresentando como seu irmão mais novo.

¹² Nesse caso, claramente, há uma vinculação da perspectiva do pai de Paulo a uma concepção heteronormativa (Butler, 2008) e cisnormativa (Vergueiro, 2015). A heteronormatividade é um conjunto de normas que pressupõe uma coerência entre sexo assignado no nascimento, identidade de gênero, desejo e prática sexual. Assim, uma pessoa que nasceu com vagina teria seu destino já previamente traçado em função da sua genitália. Viviane Vergueiro (2015) propõe, em sua dissertação, *Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero incoformes*, uma reflexão crítica sobre conceito de cisnormatividade e o define como um conjunto de normas que pressupõe e tenta instaurar uma coerência entre sexo e gênero. Esse conjunto de normas, diz ela, oprime, exclui e violenta os corpos e as subjetividades que não se enquadram nessa coerência pressuposta.

Com isso, a trajetória de Paulo mostra como a família está implicada no processo de reinscrição no gênero, via modificação corporal, de um de seus membros. Nesses diversos procedimentos de refundação de sua inscrição sexuada, ele não foi o único protagonista; ele foi parte constituinte da negociação de sua própria transformação cujo engajamento familiar foi essencial. Sua instauração como homem, filho e irmão aparece, então, como um empreendimento coletivo, quando Paulo coloca progressivamente em realização seu desaparecimento como filha, que desaparece em proveito de um filho e o laço entre o filho e seus parentes são renovados. Sobre o engajamento da família no projeto de transição de um dos seus membros, Hérault (2011) afirma:

O engajamento é complexo e não pode ser reduzido a simples gestão de uma decisão inconveniente e problemática. As famílias em situação de transexualidade, nos convidam, por pouco que consintamos, a compreender o que elas fazem e vivem como uma maneira inédita e improvisada de fazer o que fazem todas as famílias: criar e gerar vínculos, constituir e fazer existir as pessoas (tradução nossa)¹³ (Hérault, 2011, p. 41).

A AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE DE HOMEM TRANS E A POSSIBILIDADE DE RUPTURA FAMILIAR

Como dito anteriormente, nem todo engajamento se dá no sentido de reconstituir a identidade de gênero reivindicada, mas também no de reafirmar a identidade de gênero assignada no momento do nascimento. Essas posições podem variar mesmo dentro do núcleo familiar, como acontece na trajetória de Paulo. A reiteração da identidade assignada no momento do nascimento ou da não aceitação da identidade reivindicada leva, muitas vezes, a situações de conflito e violência que, por vezes, podem desembocar na rejeição temporária ou na ruptura de vínculos e no desaparecimento da relação pai-filho ou mãe-filho. É o caso, por exemplo, de Ronaldo, outro interlocutor, o qual, quando começa a atuar sobre o corpo para adquirir uma aparência masculina, é completamente rejeitado pelo pai, embora não haja uma ruptura total desse vínculo.

O pai e a mãe de Ronaldo se separaram quando ele tinha dez anos de idade. Ronaldo diz que seu pai nunca foi muito presente, mas eles tinham uma relação cordial. Ao fazer 18 anos, Ronaldo se muda para São Paulo e é lá que ele inicia sua transição e descobre a existência da identidade de homem trans. Em São Paulo, Ronaldo começa a cortar o cabelo cada vez mais curto, muda completamente seu estilo, a maneira de se vestir e de se comportar. Dois anos depois, aos 20 anos, ele retorna para Salvador completamente

¹³ Cet engagement est complexe et ne peut être réduit à la simple gestion d'une décision dérangeante et problématique. Les familles en situation de transexualité, nous invitent, pour peu que nous y consentions, à comprendre ce qu'elles font et vivent comme une manière inédite et improvisée de faire ce que font toutes les familles : créer et gérer des attachements, constituer et faire exister des personnes (Hérault, 2011, p. 41).

transformado. Quando seu pai o vê, ele tem um choque e o rejeita de imediato, cortando, praticamente, qualquer possibilidade de contato com ele. Sobre isso, sua mãe, Mara, diz:

[...] e quando foi na última vez, ela veio assim, de cabelo bem baixo, radicalizou de uma vez, então, o pai dela não estava esperando isso. A avó, e eu, sabia que [o pai] ia ter essa reação, porque eu já estava aqui, eu vim passar uns dias e, depois, ela veio. Aí o pai dela não se mostrou mais flexível, aí rejeitou ela de cara, porque não era isso que ele estava esperando. Mas, eu avisei que isso ia acontecer e que ela ia desabar por alguns dias. O bom disso tudo é que eu sou uma pessoa avisada, eu me preparo para as coisas, então, eu estava aqui e vi que ela ficou mal, aí eu perguntei o que havia acontecido e ela disse que queria ficar calada e só, aí eu disse a ela que eu já sabia o que era: – você pensa o quê? A gente tem direito de escolha, mas também temos que arcar com o que ganha e com o que perde. Você acha que você vinha para cá transformada e que todo mundo ia te receber bem? As pessoas estranham, você não fez as coisas aos poucos, fez de uma vez, foi uma surpresa para mim, mas eu sou mãe, para seu pai é difícil. Ela se revoltou e se afastou muito do pai e ela sofre até hoje, isso a magoa muito, como as pessoas olharam ela naquele dia (Mara, 2014).

Nesta fala da mãe de Ronaldo, fica evidente como, em algumas trajetórias, a decisão de mudar de gênero pode implicar exclusão e rejeição por parte de alguns membros da família. Essa exclusão é muito dolorosa para quem a sofre, deixando sequelas que podem reverberar ao longo da vida. Ronaldo chega a comentar, por exemplo, como essa atitude de exclusão por parte de alguns familiares abala sua autoconfiança assim como sua autoestima e, por conseguinte, provoca-lhe sofrimento.

Mara, a mãe de Ronaldo, por sua vez, quando este lhe revela sobre a sua transmasculinidade, assume uma postura ambígua. A ambiguidade da sua postura se define pela divisão entre o desejo de apoiar o filho e o ajudar na constituição de uma existência possível a partir da identidade de gênero reivindicada por ele e, ao mesmo tempo, o medo de perder sua filha, aquela a quem ela colocou no mundo. Nesse sentido, ao mesmo tempo que Mara diz aceitar a posição de Ronaldo, comprando para ele cuecas e roupas masculinas, ela se recusa a chamá-lo por pronome e nome masculino e proíbe qualquer pessoa de fazê-lo dentro da sua casa. Essa ambiguidade fica bem clara nesta fala de Mara:

[...] cada um decide o que quer e eu vejo assim, para mim, a pessoa transforma no que quer, em anjo ou em monstro, em homem ou mulher e, para mim, a transexualidade... eu olho para Aline e vejo a minha mesma menina, de chucha, de bunda grande, pintada, eu só vejo uma pessoa que não quer aceitar o sexo que nasceu, isso é a opção dela, porque, para mim, ela é a mesma coisa (Mara, 2014).

Com isso, instaura-se claramente um dilema. Ao mesmo tempo que Mara advoga o direito de cada um escolher o que quer ser, ela continua afirmando que, para ela, sua filha é a mesma coisa e que a filha, simplesmente, não quer aceitar o sexo com que nasceu. Mara ainda vê “Aline” como a mesma menina, “a minha menina”. Por isso, apostar no projeto de transição é deixar essa menina ir embora, é ressignificar as suas lembranças e, para ela, ressignificá-las é, por um lado, perder um pouco a filha que um dia ela teve. Por outro lado,

não aceitar a nova identidade do seu filho, o seu devir Ronaldo, é também correr o risco de perdê-lo tendo em vista que a relação pode se tornar inviável. Nesse momento, Mara tenta uma espécie de conciliação, ela tenta preservar suas lembranças (minha menina, de chucha, bunda grande) e, ao mesmo tempo, aceitar e, em certo sentido, investir na identidade de gênero reivindicada por seu filho.

Tanto Mara quanto Ronaldo afirmam ter uma conexão extremamente forte a ponto de parecer que a ambiguidade de Mara reverbera no projeto de transição de Ronaldo, assim como na rejeição do seu pai. Após três anos de contato, Ronaldo foi o único dos interlocutores que não iniciou a hormonização, embora afirmasse desejar muito iniciá-la, assim como realizar as cirurgias. Na primeira entrevista realizada, ele se definia como um homem trans pré-T, ou seja, pré-testosterona, e assim ele continuou até o final da realização da pesquisa. Claro que outras variantes interferiram nesse processo, por exemplo, o fato de Ronaldo não querer iniciar a hormonização sem acompanhamento médico e não ter dinheiro para usufruir desse acompanhamento. No entanto, a postura de ambiguidade da mãe e a rejeição do pai influenciaram tanto no ritmo quanto nas decisões que dizem respeito à sua transição. Sobre isso Ronaldo diz:

E eu sonho um dia em sentar com minha mãe e ouvi ela me chamar de filho, isso para mim vai ser muito bom. Eu não quero forçar a barra com ela, mas no dia que ela disser, o meu filho, Ronaldo Souza, eu vou me sentir tão feliz! (Ronaldo, 2014).

Todas essas situações mostram que tanto o ato de revelar à família quanto o tipo de engajamento que se dá após a revelação reverberam no projeto de transição dos interlocutores. Como diz Héroult (2011), o engajamento familiar é sempre complexo e não pode ser reduzido à gestão de uma revelação problemática. A trama familiar pode interferir na possibilidade de que os investimentos feitos na constituição dessa nova persona têm de ser bem ou malsucedidos. A possibilidade da instauração de uma existência viável a partir de uma inscrição no gênero reivindicado, via modificação corporal, passa também pelo maior ou menor apoio familiar, pela negociação dos medos e das resistências e pela capacidade de ressignificação e renovação dos laços familiares ou ainda por sua ruptura.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como dito anteriormente, é escassa a produção bibliográfica nacional e internacional sobre o processo de transição de pessoas transmasculinas e os impactos dessa transição no seio familiar. Diante dessa escassez, o presente artigo se propôs a pensar, a partir da análise de narrativas de vida, justamente, na trajetória de sujeitos transmasculinos e no respectivo engajamento familiar tanto no período de constatação desses sujeitos dessa nova identidade de gênero quanto no início da transição.

A reinscrição sexuada, no seio familiar, via modificação corporal desses sujeitos é complexa. Do mesmo modo, a posição da família não pode ser restringida a uma mera reação de aceitação ou de negação. Como bem coloca Hérault (2011), a família é quem provê, originariamente, o indivíduo de uma existência sexuada. Assim, enredados pelos laços de filiação, os indivíduos não são somente crianças ou adultos, eles são filhos ou filhas, irmãos ou irmãs, pai ou mãe.

João de Pina-Cabral (2005), por exemplo, atenta para como a noção de pessoa é, desde a sua origem, gendrada. O ato de nomear, de atribuir um nome e, nesse sentido, atribuir existência, passa pela atribuição de um gênero a um corpo. Essa integração entre o processo pelo qual novas pessoas (agentes e sujeitos sociais – egos e *selves*) são constituídas ou removidas e o processo pelo qual as pessoas físicas nascem ou morrem passa, portanto, por uma nomeação gendrada do ser e pela instauração de uma noção de pessoa sexuada que se dá, sobretudo, no seio familiar.

Daí o processo de transição de um gênero a outro implicar sempre o engajamento familiar, mesmo que esse engajamento possa levar à ruptura dos laços familiares. Esse engajamento pode se dar na refundação do sujeito, no grupo familiar, a partir da sua demanda por reconhecimento nos termos do gênero de identificação ou pode se dar no sentido de reforçar o gênero que lhe foi assignado no momento do nascimento. Evidencia-se, nesse momento de transição da identidade de gênero, o caráter social da instituição familiar e, como bem coloca Émile Durkheim (1975), a sua mediação entre o indivíduo e o mundo social.

As narrativas ainda mostram que o reforço ao gênero assignado no nascimento passa por uma série de medos: o medo de perda do ente familiar, o medo da discriminação que o filho pode sofrer no âmbito de uma sociedade cis-heteronormativa; quando a afirmação da nova identidade passa pela ingestão de hormônio, há também o medo, por parte dos pais, de que o filho se arrependa. Além disso, a família é uma instituição que dialoga com os pressupostos cis-heteronormativos da sociedade mais ampla.

Ademais, o olhar projetado sobre esses sujeitos, por membros da família, também é informado por uma perspectiva cis-heteronormativa que, muitas vezes, leva à exclusão e à discriminação. As narrativas mostram que o não reconhecimento, pela família, do gênero reivindicado leva, em geral, à dissolução dos laços familiares. Na grande maioria das situações, essa dissolução passa por situações de violência, rejeição e sofrimento.

Em contrapartida, o engajamento familiar pode se dar, também, no sentido de reconhecimento da nova identidade reivindicada pelo sujeito. Quando isso ocorre, toda a família se engaja na refundação da identidade de gênero daquele sujeito e atua ativamente na (re)instauração de sua nova inscrição sexuada no grupo familiar e, por conseguinte, fora dele. O sujeito, portanto, não é o único protagonista da consolidação de sua nova identidade. Isso se torna um trabalho coletivo no qual a participação familiar é essencial, mesmo que essa participação também seja permeada por medos, conflitos e divergências.

REFERÊNCIAS

- ARAN, Márcia; MURTA, Daniela; LIONÇO, Tatiana. Transexualidade e saúde pública no Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 4, ago. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/SBvq6LKYBTWNR8TLNsFdKkj/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 10 jan. 2018.
- BAGAGLI, Bia Pagliarini. **Psicoterapia e escolha existencial**. 2016. Disponível em: <https://transfeminismo.com/retrospectiva-de-textos-publicados/>. Acesso em: 07 mar. 2016.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. *In*: CAPISTRANO, Tadeu (org.). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. p. 197-221.
- BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Rio de Janeiro: Garamond, 2006.
- BUTLER, Judith. **Problemas de Gênero**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- DURKHEIM, Émile. Introduction à la sociologie de la famille. *In*: DURKHEIM, Émile. **Textes, 3: fonctions sociales et institutions**. Paris: Les Éditions de Minuit, 1975. p. 9-34.
- FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade I - a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Graal, 2007.
- HÉRAULT, Laurence. Les personnes transsexuelles et leurs proches ou comment constituer un nouveau genre avec d'autres. *In*: DUSSY, D.; FOURMAUX, F. (dir.). **Aux limites de soi les autres**. Paris: Persée, 2011. p. 25-43.
- PINA-CABRAL, João de. **O limiar dos afetos: algumas considerações sobre nomeação e constituição social de pessoas**. Lisboa: Instituto de Ciências Sociais, 2005.
- RIESSMAN, Catherine Khler. **Narrative analysis**. London: Sage, 1993.
- RUBIN, Gayle. **O tráfico de mulheres: notas sobre a "economia política" do sexo**. Recife: SOS CORPO, 1993.
- SINGLY, François de. **Sociologia da família contemporânea**. Rio de Janeiro: FGV, 2007.
- VERGUEIRO, Viviane. **Por inflexões decoloniais de corpos e identidades de gênero inconformes: uma análise autoetnográfica da cisgeneridade como normatividade**. 2015. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.